

O PENSAMENTO FENOMENOLÓGICO E A CIÊNCIA GEOGRÁFICA: BREVES NOTAS

Camila da Silva Pereira

Mestra em Geografia/UFRN

camilasilvageo@gmail.com

Francisca Elizonete de Souza Lima

Mestra em Geografia/UFRN

lilielizonetesouza@gmail.com

Rute Soares Paiva

Mestra em Geografia/UFPB

rutedeita@hotmail.com

Resumo

A fenomenologia enquanto método utilizado nas Ciências Humanas e Exatas, tem embasado diversos estudos geográficos, especificamente, na chamada Geografia Humanista nascida do movimento de renovação da Geografia na década de 1960 em que a pura racionalidade da ciência não era suficiente para explicar os fenômenos espaciais inerentes à realidade humana. Este trabalho tem como objetivo abordar a construção do pensamento fenomenológico baseado em alguns filósofos contribuintes à sua formação, destacando as principais características da fenomenologia Husserliana. Além disso, discutiremos como a fenomenologia embasou a renovação da Ciência Geográfica perpassando o viés puramente racionalista à valorização da subjetividade dos fenômenos espaciais, principalmente com a sua abordagem cultural. A discussão de natureza teórica nos possibilita considerar que a fenomenologia tem logrado conciliar o extremo subjetivismo com o extremo objetivismo em sua noção de mundo. Sendo necessário ver o mundo pela perspectiva da compreensão da percepção humana e de como ela influencia na transformação do espaço e é transformada no movimento de percebê-lo.

Palavras-chave: Fenomenologia. Geografia. Subjetivismo. Percepção

Abstract

Phenomenology as a method used in the Human and Exact Sciences has been based on several geographic studies, specifically in the so-called Humanist Geography born of the movement of renewal of Geography in the 1960s when the pure rationality of science was not enough to explain the inherent spatial phenomena to human reality. This work aims to address the construction of phenomenological thinking based on some philosophers contributing to its formation, highlighting the main features of Husserlian phenomenology. In addition, we will discuss how phenomenology grounded the renewal of Geographical Science by moving the purely rationalistic bias to the appreciation of the subjectivity of spatial phenomena, especially with their cultural approach. The discussion of a theoretical nature enables us to consider that phenomenology has managed to reconcile extreme subjectivism with extreme objectivism in its notion of the world. It is necessary to see the world through the perspective of understanding human perception and how it influences the transformation of space and is transformed into the movement of perceiving it.

Keywords: Phenomenology. Geography. Subjectivism. Perception

1 Introdução

O movimento de renovação da Geografia a partir de anos de 1970 permitiu o reconhecimento da necessidade de estudar e compreender o espaço enquanto produto social e, portanto, não era suficiente se sustentar no positivismo e neopositivismo a priori norteadores dos estudos empíricos na Ciência Geográfica. Na Geografia, o método fenomenológico busca direcionar a análise da produção do espaço também do ponto de vista do subjetivismo social, ou seja, da construção do espaço no contexto da percepção que os sujeitos têm sobre ele, dos aspectos valorativos atribuídos a ele e aos sujeitos que dele também fazem parte, reconhecendo-se como inerentes ao seu processo de transformação.

Conforme Merleau-Ponty, “o mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (PONTY, 1996, p. 14). Essa concepção leva-nos a refletir sobre a importância do subjetivismo no estudo de diferentes problemáticas. Na Geografia, a fenomenologia representa um importante meio de compreender o espaço pelas estruturas materiais e imateriais nele contidas, permitindo a percepção das coisas e a construção de interpretações com base na subjetividade dos sujeitos. O espaço é entendido como fato social, produto de interações humanas com diferentes intencionalidades que ocasionam o fato e permitem a apreensão deste pelos que o observam.

O presente texto propõe uma discussão teórica sobre a construção do pensamento fenomenológico e as influências desse método nos estudos geográficos, sobretudo os relacionados à Geografia Humanista Cultural, que não limita seus estudos a esse referencial metodológico, mas tem nele, importantes meios de compreender o espaço a partir das subjetividades.

2 A construção do pensamento fenomenológico

A fenomenologia em sua essência como palavra é o estudo dos fenômenos. Dartigues (1973) nos coloca que como tudo que aparece é digno de ser mencionado de fenômeno, subentende-se que o campo da fenomenologia é ilimitado o que nos leva a considerar a possibilidade de não confinar a fenomenologia numa ciência particular. Sem pretender simplificar a concepção, de maneira geral, poderíamos dizer que a fenomenologia seria o estudo da consciência e dos objetos desta consciência que se configuram nas próprias vivências, onde o sujeito sobressai ao objeto pesquisado e este é reduzido ao elemento a ser analisado, a partir também da experiência do sujeito.

Destaca-se a importância dos estudos fenomenológicos hegelianos, nos quais a verdade do espírito deve estar presente em cada momento da experiência humana, seja ela religiosa, política, entre outras. Nesse sentido, o homem está inserido nos fenômenos que acontecem no mundo e é parte fundamental nesses acontecimentos.

Embora as concepções hegelianas tenham favorecido o enriquecimento do método fenomenológico, foi a partir do final do século XIX e início do século XX que o movimento fenomenológico iniciou-se e exerceu forte influência na maneira de pensar o homem no mundo e o mundo no homem. Assim, a fenomenologia surgiu na Alemanha a partir dos estudos de Immanuel Kant, já no final da idade moderna. Esse filósofo foi pioneiro em romper com o tradicionalismo cartesiano e debruçar-se numa perspectiva nova do fazer filosófico, algo que permitir-se o conhecimento das essências (ALEXANDRE; OLIVEIRA, 2008).

A filosofia de Kant buscou superar o impasse entre o idealismo e o realismo, redistribuindo as funções do conhecimento, analisando as contribuições que o objeto e o conhecimento dão um ao outro. O conhecimento aqui constitui um trabalho conjunto em que a apreensão sensível das “coisas mesmas” e o intelecto humano formalizam a estrutura para essa apreensão e sintetização do que seria o conhecimento. Segundo Kant, o conhecimento não poderia existir sem o sujeito e essa relação Kant chamou de fenômeno, considerando a realidade não como ela é, mas como ela é abstraída pelo sujeito. Essa maneira subjetiva de abstrair o fenômeno para formar o conhecimento, Kant chamou de funções lógicas do conhecimento ou elementos transcendentais do conhecimento¹.

Entretanto, o aprofundamento do pensamento fenomenológico é desenvolvido por Edmund Husserl que define como objeto primordial da fenomenologia a essência das coisas constituindo novas abordagens do conhecimento propondo que o sentido do ser (aquele que apreende o acontecimento) e do fenômeno (o objeto analisado) não podem ser dissociados.

Husserl com formação em matemática teria começado a se questionar sobre vários fatos que o positivismo não explicaria em sua essência. As ciências exatas como a matemática e a psicologia, por exemplo, esta última seguindo o modelo das ciências da natureza, buscou eliminar os aspectos subjetivos do estudo do homem, de acordo com Dartigues (2005). As ciências fundamentadas no positivismo representavam grande força na época em que o desenvolvimento tecnológico ganhava impulso com as novas descobertas científicas. Os avanços no conhecimento foram vistos na área da medicina, da química, da microbiologia, entre outras. Mas a partir dos anos 1880, o positivismo começa a passar por algumas crises tendo em vista que a ciência se torna um constante objeto de interrogação. De acordo com Dartigues (2005), a pura descrição dos fenômenos é uma herança herdada do positivismo que exclui a experiência de contato com os fenômenos, já a fenomenologia proposta por Husserl advinda da escola fundamentada no pensamento de Franz Brentano², valoriza a exploração do campo da consciência e dos modos de relação com o objeto, proporcionando que Husserl busque se aprofundar mais por esse caminho para responder aos seus questionamentos, não ficando apenas na pura descrição dos fenômenos observados pela capacidade psíquica.

Sobre a crise das ciências denominadas positivas, Capalbo enfatiza que,

As ciências positivas perderam seu sentido para a vida, e nisto, dirá Husserl, consiste a crise atual das ciências. As ciências não perdem seu valor no que se refere aos fatos que elas analisam; o seu valor é perdido por se terem afastado dos problemas do sentido da existência humana (CAPALBO, 19-- , p. 20).

É baseado nessa “perda” da preocupação do estudo da existência humana na explicação dos fenômenos, que a fenomenologia se debruça, destacando os fenômenos de maneira diferente das ciências exatas e empíricas à medida que estes são vividos e experimentados pela consciência. Dessa forma, se retoma a subjetividade nas análises e busca romper com medidas puramente racionalistas. O ideal passa a ser a experiência na humana na construção das análises.

Para isso, Husserl adota o princípio da intencionalidade da consciência utilizado para explicar que “toda consciência é consciência de alguma coisa, *objeto*” (CAPALBO, 19-- , p.

¹ Palestra sobre *Fenomenologia e Existencialismo* com o filósofo Franklin Leopoldo e Silva na TV cultura. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Z2XPHjSYBfw>.

² A grande contribuição de Brentano consiste no início em distinguir fundamentalmente os fenômenos psíquicos, que comportam uma *intencionalidade*, a visada de um objeto, dos fenômenos físicos; em seguida em afirmar que esses fenômenos podem ser percebidos e que o modo de percepção original que deles temos constitui o seu conhecimento fundamental (DARTIGUES, 2005, p. 15. Grifo do autor).

14, Grifo nosso) e esse objeto só pode ser definido em relação a uma consciência. É como se o objeto adquirisse existencialidade quando observado e se tornasse real quando ao analisar cada uma de suas partes eu me convencesse de que ele era de fato o que minha consciência acreditava ser. Assim, a consciência não é nada se não for consciência de alguma coisa.

Essa é uma das características persistentes da fenomenologia Husserliana que é a relação entre sujeito e objeto pela consciência na constituição do conhecimento, onde o sujeito com sua carga de subjetividade se sobressai ao objeto. Capalbo (2008) diz que, “Não há fenômeno que não seja fenômeno para uma consciência. Não há consciência sem que ela seja consciência de algo, sem que ela seja determinada como uma certa maneira de visar os objetos, o mundo” (CAPALBO, 2008, p. 14-15).

Vale salientar a contribuição de outros estudiosos no enriquecimento do pensamento fenomenológico, são eles: Sartre e Heidegger, que forneceram elementos necessários a construção do horizonte da fenomenologia com relevância no estudo da ontologia, ou seja, no estudo da essência do ser, tendo em vista que a própria base de estudo de Husserl desconsiderava a separação entre fenômeno e o ser. Nesse sentido, a ontologia era quase que uma exigência da abordagem fenomenológica e inerente a ela.

Em sua obra “A Fenomenologia da Percepção”, Merleau- Ponty (1996) corroborando com o pensamento de Husserl descrito acima, nos coloca que a fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas se resume em definir as essências. A fenomenologia torna-se assim, uma filosofia, repondo a essência nas existências, sendo necessário compreender o homem e o mundo a partir de sua facticidade, ou seja, a partir da própria condição humana pela qual o homem já se encontra comprometido. A fenomenologia evidencia a existência do mundo antes mesmo da reflexão. “A fenomenologia se dará então por tarefa mostrar que, antes de toda concepção filosófica ou científica, o homem é de início ser no mundo” (DARTIGUES, 1973, p. 48). Assim a fenomenologia se efetiva em uma ação de analisar as relações da consciência que se fazem intencionais para visualizar como se produz o sentido dos fenômenos.

A partir da descrição acima, podemos dizer que “Buscar a essência do mundo não é buscar aquilo que ele é em ideia, mas buscar aquilo que de fato ele é para nós antes de qualquer tematização” (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 13). Assim verificamos que o mundo fenomenológico não é a restrição de um ser prévio, mas a sua própria fundação de ser.

Os estudos dos fenômenos na fenomenologia se dá de maneira individual, cada fenômeno precisa ser analisado e compreendido em sua essência, na sua subjetividade para então se fazer real e percebido. No entanto, vale a ressalva que embora haja a necessidade do estudo individual dos fenômenos esses devem ser vistos também em conectividade com os demais, promovendo uma visão dos fenômenos em sua totalidade, diminuindo o risco das generalizações, onde as particularidades passam despercebidas.

Nesse interim, a compreensão fenomenológica muda a maneira de perceber o mundo, as relações, os valores. Assim, a consciência não nos distingue das outras pessoas, pois somos todos, presença no mundo e dotamos de uma consciência geral, indivisível, de um mundo considerado uno em que eu me percebo a partir do momento em que também percebo o outro. Para tanto, a presença da subjetividade se faz necessária para que a percepção de mundo se dê também a partir da vivência e experiência do sujeito.

Outro questionamento nos leva a dizer que a compreensão histórica de cada indivíduo aliada a materialidade do tempo resulta em percepções diferentes de um mesmo fenômeno. Contudo, a fenomenologia nos instiga a valorização do subjetivismo e intersubjetivismo condicionante à compreensão do humano, onde a busca pela essência não nos distancia da vivência como alguns pregam, mas ao contrário nos aproxima ainda mais. Nessa perspectiva “a aquisição mais importante da fenomenologia foi sem dúvida ter unido o

extremo subjetivismo ao extremo objetivismo em sua noção do mundo ou da racionalidade [...]” (MERLEAU – PONTY, 1996, p. 18). Assim a percepção fenomenológica permite o indivíduo perceber o mundo de maneira além da racionalidade, a partir de seu intelecto, da sua formação enquanto ser.

O que se nota enquanto evolução do método fenomenológico, é que este foi ganhando cada vez mais espaço, haja vista a necessidade das ciências em renovarem seus métodos. Merleau – Ponty (1996) nos evidencia que em razão da complexidade dos métodos das ciências especialmente as ciências humanas, foi introduzido nestas o método fenomenológico que trás uma vertente além do racional para a sua abordagem. No entanto, há uma série de questionamentos acerca da confiabilidade do método fenomenológico, uma vez que é a percepção do sujeito sob os fatos que fundamenta o estudo do objeto. Em bora a neutralidade científica seja uma quimera, sobretudo no campo das Ciências Humanas, os estudos de base fenomenológica enfrentam, com mais frequência, indagações acerca da confiabilidade metodológica.

Nessa perspectiva, a Ciência Geográfica calcada em um viés deliberadamente racionalista, encontra na fenomenologia uma maneira de repensar suas formas de analisar o mundo e o espaço vivido e percebido pelo homem.

3 A abordagem fenomenológica na ciência geográfica

Originalmente a fenomenologia refuta tanto o objetivismo das ciências racionalistas quanto ao subjetivismo nascido das correntes institucionais. Assim, a fenomenologia procura a essência, o que é característica fundamental nas experiências particulares.

Um dos primeiros Geógrafos a utilizar o pensamento fenomenológico foi Carl Sauer. Em sua obra percebemos a perspectiva fenomenológica quando destaca a importância dos aspectos culturais na análise da paisagem. (GOMES, 1996).

Gomes (1996) menciona duas outras figuras importantes na Geografia na perspectiva do humanismo fenomenológico, considerando que é a partir da década de 1970, que se aplica com mais evidência os conceitos da fenomenologia na Geografia a partir das obras dos autores Edward Relph e Yi-Fu Tuan. A respeito do primeiro, Gomes coloca que Relph faz menção como fonte do conhecimento às explicações calcadas nas experiências cotidianas, contextualizadas a partir dos instrumentos culturais. Além disso, ressalva que o método fenomenológico na Geografia poderia “resolver” a dicotomia da Geografia humana/física, a partir do teor subjetivista, a fenomenologia poderia ser interpretada ou apenas vista como uma crítica ao pensamento estritamente racionalista advindo do positivismo lógico.

Ao referir-se a Yi-Fu Tuan, Gomes (1996) evidencia que esse autor trabalha na mesma perspectiva de Relph, observando que a fenomenologia permite o contato entre o mundo e as significações. Segundo Tuan, “conhecer o mundo é conhecer a si mesmo”. Tuan expõe duas formas de produção do conhecimento: intelectual e existencial. A abordagem intelectual busca uma ordem dos fenômenos no mundo; já a abordagem existencialista busca o sentido dos fenômenos.

Na obra intitulada *Topofilia*, da década de 1970, Tuan faz uma transição da Geografia da percepção para a abordagem humanística, evidenciando o conceito do vivido que se remete aos laços afetivos dos homens entre si e com o meio em que vivem. É neste meio que se verificam os sentimentos por um determinado lugar advindos da convivência. Assim, a ideia de lugar tem destaque central na obra de Tuan. “Trata-se seguindo os princípios fenomenológicos referentes à noção do mundo vivido, de um centro pleno de valores e aspectos familiares indissociáveis, assim como de evocações que permitem a pessoa ‘sentir-se em casa’” (MELLO, 2001 p.91).

Assim, torna-se perceptível a valorização do lugar nas obras de Tuan, esse lugar que por sua vez pode ser vivido, mítico, sagrado, transitório ou eterno, ganhando conotação de lar, lugar de vivência, dos laços afetivos, da proteção, o lugar que nem sempre obedece a uma escala. A maneira própria de interpretação do lugar aproxima esse autor da fenomenologia, além da importância que ele atribui à intuição, à imaginação, onde esta se torna veículo para a liberdade e para a concepção de mundo marcada também pelo subjetivismo (MELLO, 2001).

A partir dessas concepções, a fenomenologia deve ser compreendida como uma possibilidade de renovação da ciência objetiva e não na perspectiva de dar uma base autônoma para a Geografia, processo defendido por muitos teóricos (GOMES, 1996). Assim, buscando aproximar a Geografia da fenomenologia, Silva *apud* Sposito (2004) afirma que:

Podemos distinguir na fenomenologia dois traços fundamentais. Em primeiro lugar, trata-se de um método que consiste em descrever o fenômeno, isto é, aquilo que se dá imediatamente. Como tal, a fenomenologia não se interessa pelas ciências da natureza e se defronta com o empirismo. Também renuncia – e com isso põe-se em oposição ao idealismo – a tomar como ponto de partida uma teoria do conhecimento. Deste modo, vemos que, como método, representa uma atitude radicalmente contrária a todos os traços que predominam no século XIX. Por outro lado, seu objetivo é constituído pela essência, isto é, o conteúdo inteligível ideal dos fenômenos, que é captado em uma visão imediata: a intuição essencial (SILVA *apud* SPOSITO, 2004, p. 38).

Essa intuição essencial do fenômeno analisado, citado pelo autor acima é construída a partir do subjetivismo e do rompimento com o viés puramente racionalista, o que na Geografia propiciou a discussão do espaço vivido, calcado no viés fenomenológico. A discussão acerca desse movimento surge na França tendo suporte na escola francesa de Vidal de La Blache, embora seja necessário deixar claro que no início esse movimento não teve relação com o humanismo fenomenológico anglo-saxão.

Dentro dessa abordagem, Gomes (1996) nos coloca que é necessária a observação do espaço não pelo lado puramente racionalista que o vê apenas de maneira física, quantificável, objetiva, mas faz-se urgente a percepção do espaço que é constituído de relações, sentimentos, de subjetivismos. No entanto, vale a pena segundo esse mesmo autor não negar o caráter racionalista que muito contribuiu para o progresso da ciência geográfica, mas procurar fazer a ponte entre o racional objetivo e o subjetivismo intencional.

Nesse intento, percebemos que a fenomenologia enquanto método tem na intencionalidade da consciência e na subjetividade do sujeito construída a partir de suas experiências, o cerne para o seu desenvolvimento e aplicabilidade. Como tão bem nos lembra Lencioni *apud* Sposito (2004), buscando a aproximação entre a fenomenologia e a Geografia:

[...] a fenomenologia consiste num método e numa forma de pensar, nos quais a intencionalidade da consciência é considerada chave porque a consideração da percepção advinda das experiências vividas é, assim, considerada etapa metodológica importante fundamental, procurando romper a oposição entre sujeito e objeto, tanto quanto entre ator e observador e firmando-se uma visão antropocêntrica do mundo e uma recuperação do humanismo que a Nova Geografia havia feito desaparecer com seus modelos teóricos. Com essa perspectiva o espaço vivido, como revelador das práticas sociais passa a ser a referência central, colocando-se o lugar no centro da análise (LENCIONI *apud* SPOSITO, 2004, p. 37).

Dessa forma, a fenomenologia trás para a Geografia a construção de análises não mais puramente racionais, mas ricas em subjetividade, onde o sujeito, pesquisador analisa os fenômenos a partir também das suas experiências e vivências. Assim, abrem-se as portas para uma Geografia mais humanista, aquela que busca a essência das coisas como é posto no método fenomenológico. Compreendendo a fenomenologia como método, entendemos que ela é mais um caminho para a concretude das análises geográficas. Nesse intento, como colocou Lencioni *apud* Sposito (2004), calcada na fenomenologia, a Geografia resgata a discussão do espaço vivido e reafirma o lugar e as dinâmicas dos lugares como central nas análises.

Nesse intento é no lugar onde acontecem as relações entre sujeito e objeto. O lugar é cheio de significados que requer análises profundas, pois é construção do sujeito a partir de suas experiências e vivências. Corroborando com esse pensamento, Silva *apud* Sposito (2004), destaca que:

[...] a valorização subjetiva do território é decorrência de retomar a subjetividade como tema de trabalho. Por isso, uma das tendências recentes é aprender o significado do lugar, por não ser ele apenas algo que objetivamente se dá, mas algo que é construído pelo sujeito no decorrer de sua experiência (SILVA *apud* SPOSITO, 2004, p 38).

Dessa forma, o método fenomenológico na Geografia permite a valorização do lugar, mas mais que isso, permite a construção do objeto a partir da percepção, experiência e vivência do sujeito, aonde a racionalidade cartesiana não chega, pois não é apenas investigar os fenômenos, mas é desvendar a sua essência prevalecendo a autonomia do sujeito sobre o objeto investigado.

4 A contribuição fenomenológica para a abordagem cultural na geografia

A cultura é um elemento fundamental quando o intuito é compreender o comportamento humano, considerando que ela o condiciona e é resultado do seu desenvolvimento. Dessa forma, a cultura caracteriza-se enquanto fenômeno social que é responsável por diferenciar os homens dos demais seres vivos. Segundo Capalbo, “o homem será distinto do animal irracional pela cultura que ele cria e não pelo caráter de ser social, pois deste, os animais também partilham” (CAPALBO, 19--., p. 27). Tal elemento começou a ser inserido nas discussões geográficas dando origem ao que muitos autores contemporâneos denominam Geografia Cultural.

Segundo Claval (2001), a abordagem cultural na Geografia surgiu a partir do século XX com a teoria darwinista sobre as desigualdades na distribuição dos seres vivos na terra. Um dos primeiros estudiosos a se debruçar sobre as disparidades na organização das sociedades sobre o meio foi Ratzel que, fascinado pela teoria de Darwin baseada no estudo do meio biológico, trouxe para a Geografia, a discussão do meio humano. Ratzel introduziu o termo Geografia Cultural explicando que as diferentes formas de distribuição do homem no espaço seriam de acordo com sua capacidade instrumental de se desenvolver. Assim, insere questões políticas na sua forma de analisar, evidenciando as relações de proximidade entre as nações civilizadas e o Estado como uma importante aliança de poder no desenvolvimento das sociedades. De acordo com Claval (2001)

A geografia concebida por Ratzel atribui um lugar importante aos fatos da cultura porque se vincula aos meios de aproveitamento do ambiente e àqueles estabelecidos para facilitar os deslocamentos. Mas esta cultura é sobretudo analisada sob os aspectos materiais, como um conjunto de artefatos utilizados pelos homens em sua relação com o espaço (CLAVAL, 2001, p. 22)

Quando falamos que a evidência nos trabalhos de Ratzel é dada nos aspectos materiais, o lado subjetivo fica reduzido, mas não desaparece. Haesbaert no capítulo sobre o território e a desterritorialização do livro *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade* (2004), expõe a ideia de subjetividade que Ratzel atribui ao estudo do território na perspectiva da cultura dos povos neles inseridos, sobre isso Haesbaert discute baseando-se em Dijkink,

O enfoque de Ratzel não se resume a uma perspectiva materialista, em sentido estrito. Releituras relativamente recentes têm enfatizado a relevância do lado “espiritual” e mais subjetivo de sua obra. [...]. A “ligação espiritual com a terra” que Ratzel defende faz desse território estatal muito mais do que uma entidade material. O sentido orgânico “ótimo” almejado pelo Estado passa pela ideia de que é graças ao território, ou melhor, ao “solo”, que a nação supera suas misérias e alcança as condições para a projeção de seu “poder criativo” (HAESBAERT 2004 *apud* DIJKINK 2001, p. 66).

Além de Ratzel, La Blache baseado em seu modelo assim como nos de Humboldt e Ritter, considera que “a cultura pertinente é aquela que se apreende através dos instrumentos que as sociedades utilizam e as paisagens que modelam” (CLAVAL, 2001, p. 33).

Enfatizando a importância do gênero de vida como representação no espaço e na paisagem dos anseios dos homens, do seu nível tecnológico e técnico e a maneira como se organizam no espaço-tempo, La Blache atribui à Geografia o caráter de ciência dos lugares e a cultura seria mediadora da relação homem e meio e ela estará expressa na paisagem através do trabalho humano (CLAVAL, 2001).

Na contemporaneidade as abordagens culturais apresentam sob outra forma essa discussão sobre o conceito de lugar. Podemos citar segundo as obras de Tuan a enorme importância que este autor atribui a este conceito sob um viés fenomenológico na perspectiva de mundo vivido, abordado anteriormente.

A dimensão de ligação dos grupos humanos apresentada na abordagem do gênero de vida, deu impulso a formação do conceito de lugar, abarcando não somente a relação material dos homens com o mundo vivido, mas com a sua carga simbólica e laços afetivos estabelecidos entre os homens e o espaço.

Além dos dois supracitados que constituíram as escolas alemã e francesa, temos Carl Sauer, apresentado anteriormente e que fazia parte da escola norte-americana, escola de Berkeley, na qual se desenvolviam estudos sobre as paisagens culturais, considerando a importância dos espaços para os homens numa relação simbiótica. Seu conceito de cultura não evolui muito em relação ao de Ratzel e La Blache, os aspectos materiais que transforma o meio são fortemente considerados com o acréscimo da associação de plantas e animais na modificação do meio no sentido de torná-lo mais produtivo. A partir da década de 1970, surge uma nova concepção de Geografia Cultural que considerava as formas materiais e imateriais características das sociedades englobando a sua dimensão concreta expressa durante toda a construção das abordagens culturais e a dimensão abstrata, as simbologias e as representações que os objetos e os espaços representavam para o homem.

Além disso, outros autores deram inúmeras contribuições para o aprofundamento das concepções culturais como Schluter, Brunhes e mais recentemente, Tuan, já mencionado, Éric Dardel, entre outros.

Falaremos um pouco sobre este último e da importância de seus estudos no sentido de abordar uma nova forma de se fazer geografia denominada *geographie de plein vent* caracterizada como a geografia que abandona o gabinete e vai a campo em busca de descobrir os fenômenos a partir da experiência direta no contato com os fenômenos. O objetivo de Dardel era “fazer uma análise fenomenológica da relação visceral que o homem mantém com a Terra” (HOLZER, 2001, p. 103).

Vale salientar que tanto Relph, Tuan e Dardel têm em comum o fascínio pelos escritos de Jaspers e Heidegger, mas diferenciam-se destes pelo fato de enfatizarem o conceito de lugar em suas fenomenologias e das experiências humanas na Terra. Principalmente na perspectiva de Dardel, a Geografia surge numa abordagem oposta à ideia racionalista do positivismo de estudar os fatos, na qual,

[...] os geógrafos deveriam se dedicar ao estudo das atitudes humanas duráveis, da realidade circundante e cotidiana, antes de se preocuparem com a delimitação de períodos cronológicos. Essas atitudes duráveis resultariam em uma ‘concepção global do mundo’ que tem sentido não se considerarmos a Terra como um ‘dado bruto’, mas sim se tratarmos a relação homem/Terra como uma ‘interpretação’, um ‘horizonte do mundo’ uma ‘base’ a partir da qual a consciência parte” (HOLZER, 2001, p. 109).

É justamente essa ideia de sair do gabinete e estudar as atitudes humanas duráveis no sentido da intensidade da relação e não da cronologia dos acontecimentos que a abordagem cultural e fenomenológica de Dardel se fundamenta. Além disso, apresenta uma tentativa de contrariar a geografia moderna de origem renascentista fundada na perspectiva de estudar o mundo exterior pela medição da Terra como um “dado bruto” apresentado acima, e considerá-la no sentido da vivência geográfica que faz referência à ligação do homem com o seu lugar (HOLZER, 2001).

A abordagem cultural de Dardel é fundamental na contemporaneidade no sentido de que se funda nas abordagens do pensamento fenomenológico e as trazem para as análises mais recentes para a compreensão das essências dos fenômenos que só podem ser vistas a partir da experiência dos fatos, sendo a fenomenologia uma ciência fundamentalmente eidética, ou seja, que busca compreender os fenômenos pela experiência do vivido na busca da sua essência.

5 Considerações finais

Como vimos, o pensamento fenomenológico renovou a forma de fazer Ciência no sentido de atribuir valor científico a determinados elementos do espaço considerados até o seu aparecimento, como imateriais e sem conteúdo valorativo para a construção de conhecimento científico.

A fenomenologia surgiu como uma forma de destacar a importância de aspectos subjetivos, como a essência e percepção dos seres nos estudos de caráter puramente racionais. A fenomenologia funda a filosofia contemporânea ao passo que busca explicar a própria filosofia. A fenomenologia transpõe os limites da filosofia, renovando a forma de pensar, buscando compreender o mundo de forma pura, contribuindo para a filosofia repensar sua maneira de interrogar.

Uma das principais contribuições da fenomenologia no campo da Ciência Geográfica foi renovar a disciplina e enriquecer seus conceitos, considerando que o espaço não deve ser analisado apenas na sua realidade objetiva, mas também a partir das experiências subjetivas dos homens no e pelo espaço, tendo em vista que essa relação também é responsável por produzi-lo. É preciso reaprender a ver o mundo por esta perspectiva humana e compreender as percepções dos homens e como elas influenciam na transformação do espaço ou inversamente.

Contudo, a intenção não é renegar o racionalismo que conduziu a Geografia a se constituir enquanto ciência, mas, reforçar que fazer ciência requer sempre uma visão holística no sentido de ver e conceber os fenômenos. Assim, tracejar perspectivas novas na ciência geográfica a partir do método fenomenológico é permitir, em suma, a concretude da essência do fazer geográfico.

6 Referências

ALEXANDRE, F; Oliveira, S. F. Fenomenologia e memória: novos aportes para a práxis da EA. In: **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental** - Revista do PPGEA/FURG-RS. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/51641008/FENOMENOLOGIA-E-MEMORIA>>. Acesso em: 15 Abr. 2012.

CAPALBO, C. **Fenomenologia e ciências humanas**: uma nova dimensão em antropologia, história e psicanálise. Rio de Janeiro: J. Ozon, 2008.

CLAVAL, P. **Geografia cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1992.

GOMES, P. C. C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

HAESBAERT, R. Definindo território para entender a desterritorialização. In: _____. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p. 35 – 98.

HOLZER, W. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. (Org.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 103 – 122.

MELLO, J. B. F. Descortinando e (re) pensando categorias espaciais com base na obra de Yi-Fu Tuan. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. (Org.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 87 – 101.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SPOSITO, S. E. **Geografia e filosofia: contribuições para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.